

Homossexualidade e a cultura pop – A representação gay nos quadrinhos retratada pelo jornalismo¹

Filipe Barbosa CRUZ²
Victor Carvalho do AMARAL³
Mônica C P SOUSA⁴
Universidade Veiga de Almeida, Cabo Frio, RJ

RESUMO

Este trabalho visa analisar o tratamento da representação homossexual na cultura pop feito pelo jornalismo. Para tal, após apresentar brevemente uma história da comunidade LGBTQI+ até o início da militância, pensando-a pela fragmentação da sociedade e discursos hegemônicos, o artigo analisa a cobertura jornalística do personagem Homem de Gelo, das revistas em quadrinhos dos X-Men, que fez manchetes ao assumir sua homossexualidade no ano de 2015. Os resultados apontam que o jornalismo tem a capacidade de propor debates e visões sobre temas, de acordo com a abordagem feita ao noticiar determinado fato.

PALAVRAS-CHAVE: revistas em quadrinhos; jornalismo; homossexualidade; cultura pop.

Introdução

Por meio deste artigo buscamos estudar, sob a ótica de alguns teóricos da comunicação e da sociologia, a relação entre a história da homossexualidade e o tratamento deste traço identitário pelo jornalismo, ao ser representado na cultura pop. Para isso, analisamos a representação feita por veículos jornalísticos ao noticiar a homossexualidade do super-herói Homem de Gelo, membro original do grupo X-Men, da editora Marvel, em 2015. Quatro notícias foram escolhidas, sendo duas de portais tradicionais, O Globo e Folha de São Paulo, e duas de portais especializados em cultura pop, Judão e Omelete.

Faz-se importante a reflexão sobre a representação midiática das minorias sociais, hoje, pois se vive numa sociedade altamente fragmentada, onde grupos de militância se

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UVA, email: kuster939@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UVA, email: ca.vctr@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Pós-doutoranda PPGCom UERJ. Doutora pelo PPGCom UFF. Membro do Grupo de pesquisa Geografias da Comunicação. Docente na Universidade Veiga de Almeida. monica.cpsousa@gmail.com

expressam cada vez mais, lutando por direitos e enfrentando preconceitos fossilizados na sociedade. Os gays, que tinham sua identidade tratada como enfermidade, como veremos posteriormente, hoje conquistam direitos para casar e adotar crianças. Ainda assim, na contramão destes fatos, a violência contra os homossexuais não se encontra estagnada. Um fato claro disso são os campos de concentração para gays na Chechênia, conforme reportagem de abril de 2017, da BBC.⁵

Ainda, refletir a representação midiática de minorias sociais é considerar o impacto desta exibição na sociedade. Dessa forma, o estudo se faz importante para pensar a mídia como uma ferramenta de mudança da visão social sobre as minorias sociais.

Grupos e homossexualidade, discursos e imaginário

Segundo Stuart Hall (2004), no final do século XX a sociedade ocidental entrou no período da pós-modernidade. Essa recente condição da sociedade se deu a partir das novas dinâmicas entre os grupos que a compõem, a forma com que a cultura é praticada e influenciada, principalmente por todas as novas tecnologias presentes, o excesso de informação e exposições a culturas diversas consequentes da globalização. Tudo isso acaba culminando numa fragmentação da identidade dos indivíduos presentes nessa sociedade.

Para o autor, a fragmentação pode ser definida pela identificação do indivíduo com grupos componentes da sociedade e símbolos diversos, por vezes contraditórios, a que esse indivíduo se encontra exposto e que se reconhece em determinados contextos. A convergência de informações acaba por influenciar essa prática do mundo.

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13)

Os indivíduos identificados com determinados traços vão, então, se agrupar conforme essas características compartilhadas. Sendo assim, a própria sociedade sofre uma fragmentação em grupos menores, que vão gerar essa identificação de outros indivíduos ciclicamente (HALL, 2004). Estes grupos lutam para que suas demandas sejam atendidas, sejam elas o exercício dos poderes que lhes foram sociocultural e historicamente

⁵ <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39603792>

construídos, seja pela liberdade de expressar sua identidade ou pelo reconhecimento de seu grupo como parte do todo social.

Conforme Foucault (2014) propõe, a oposição do poder para uns e exclusão para outros, dentro da sociedade, são consequências de discursos que se entremeiam à percepção da realidade em que se vive. Os discursos, para o autor, traduzem crenças e tradições que compõem instituições sociais, definem a sociedade e delimitam o reconhecimento da realidade numa gama reduzida de percepções e ordens, sendo vigentes em quase todo, senão todo, âmbito da vida humana. Eles podem agir a fim de estruturar o dia a dia de uma sociedade, e, por serem ferramentas poderosas de controle, podem ser formas de sustentação de exclusões dentro das sociedades em que se inserem.

A produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. (FOUCAULT, 2014, pag. 8)

Santos (2008) conta, em “Narrativas de um adolescente homoerótico – conflitos do ‘eu’ na rede de relações da infância a adolescência”, que a homossexualidade era estigmatizada pela igreja como o pecado da sodomia. No século XVIII tal prática é proibida pelo próprio Estado, que torna a homossexualidade um crime, e não mais apenas um pecado aos olhos da igreja. Neste período estudos são feitos em busca da raiz física do homossexualismo (nome da pretensa doença). Os estudos não oferecem resultados, se provando inúteis, e levam ao estudo da “patologia” pela neuropsicologia. No século XX, Freud dá grandes contribuições para a compreensão do que é a homossexualidade, como aponta Santos:

A teoria freudiana foi uma contribuição de relevância para o esclarecimento de numerosos aspectos do comportamento humano e, em particular, para retirar o debate em torno do homossexualismo do terreno moral. No entanto, ainda o encara como manifestação patológica, o que vem sendo, cada vez mais contestado. Quando o comportamento homossexual passou a categoria identitária, criou-se uma minoria que ficou sensível à discriminação social. (SANTOS, 2008, pag. 20)

Conforme apontado por Santos (2008), o grupo social formado por homossexuais acaba por ser excluído devido aos discursos criados ao seu redor, tanto pela igreja, quanto pelo estado, e até mesmo pela própria medicina. Dessa forma, os discursos vigentes na sociedade contribuem para a exclusão desta minoria, gerando tal discriminação apontada por ele.

Além disso, os discursos apresentam, segundo Foucault (2014), ferramentas que cerceiam a produção e manutenção dos próprios discursos por parte dos grupos que não detêm o poder sobre tal. É de grande valor ressaltar que os discursos não são facilmente gerados, sendo, em sua maioria, construtos sócio-históricos. Dessa forma, tomam tempo e grande mobilização social para que seus valores sejam mudados. Isso se dá ao fato de estarmos encerrados numa bolha discursiva em que as únicas formas de se perceber ou praticar algo é através dos próprios discursos, retomando-os, inclusive, ao falar deles mesmos. Conseqüentemente, com a produção de discursos hegemônicos dificultada e limitada a alguns, assim como a existência das próprias ferramentas discursivas de exclusão, torna-se quase inacessível a manutenção desses discursos por parte dos grupos excluídos. E ainda, sendo centralizados nas mãos daqueles que detêm o poder, as demandas destes grupos não são ouvidas e sua representação na sociedade se torna inexistente ou estigmatizada.

Diante disso, com os estigmas que são depositados sobre eles, os grupos excluídos acabam sendo distanciados da realidade social. Dessa forma, os discursos vigentes dominados pelos grupos que exercem poder, e sendo capazes de calar ou retratar as minorias da forma que melhor lhes apraz, é fácil que a sociedade cristalice estas ideias, e que estes sejam mantidos e influenciem a própria relação de cada pessoa com o que se espera dos grupos. Tendo como base tais discursos, se cria uma ideia que tende a caracterizar como negativos estes traços.

Maffesoli (2007) propõe a teoria de imaginário, que permite a compreensão dessa ideia formada. Para ele, imaginário consiste na percepção individual de cada um sobre aspectos da realidade, mas que se influencia e se constrói no contato com o todo grupal. Essa percepção nunca vai ser fiel ao objeto que se percebe, nem nunca vai ser igual ao de outra pessoa ou à sua própria em um outro dado momento. A sua formação se baseia nas experiências com determinado objeto e, por ser passível de sobrescrita e mutáveis conforme novas experiências, o imaginário se constrói e reconstrói em relação ao objeto em questão por toda a vida do indivíduo.

[O imaginário] tem uma autonomia específica. É móvel, fugidio, polimorfo, mas não menos eficaz. E somente um politeísmo epistemológico pode levar a entender o advento das figuras em torno das quais se estrutura a ligação social. (MAFFESOLI, 2007, pag. 193)

Sendo assim, uma pessoa que se desenvolve numa sociedade que perpetua tais discursos tende a ser influenciado por eles, e sua percepção das minorias, que são distanciadas da

sua realidade, se baseia basicamente nesses discursos de exclusão. Isso se agrava ainda mais com a falta de representatividade das pessoas vitimadas por esta marginalização, o que torna inviável uma ressignificação deste imaginário e uma modificação da compreensão social sobre este grupo excluído, que seria capaz de promover uma reestruturação destes discursos que percorrem a sociedade de forma hegemônica.

Os movimentos com o intuito de tentar ressignificar tais discursos relacionados à homossexualidade surge nos anos 60, segundo Santos (2008).

A partir dos anos 60, o movimento gay buscava acabar com o sistema que marginaliza a homossexualidade. Os ativistas gays se articulavam com os movimentos de liberação dos direitos dos negros e da mulher então atuantes, e este movimento americano se expandiu para o mundo. (SANTOS, 2008 pag. 21)

Mesmo com a formação do movimento para a desconfiguração de tais discursos, sua efetividade ainda resiste por um longo tempo. O homossexualismo deixou de figurar na lista de doenças da OMS apenas em 1990, o que evidencia de forma clara a dificuldade de mudança dos discursos vigentes. No entanto, lentamente tais discursos são modificados, usando ferramentas visíveis mais à frente.

Revistas em quadrinhos e a representação de minorias

Ninguém sabe ao certo quando as revistas em quadrinhos surgiram, no entanto, afirma-se que sua era de ouro começou na década de 1930. A revista Detective Comics #1 surge em 1938 com o que hoje conhecemos como super-heróis, sendo o primeiro deles o Super-Homem. Existiram outros heróis e super-heróis anteriores, mas ele é o primeiro a ter tamanha longevidade e relevância. Vindo de outro planeta e com habilidades sobre-humanas, o super-herói vestido de azul e vermelho tentava ancorá-lo numa ideia estadunidense, mostrando sua força e bondade, ajudando a todos com tamanha caridade, conforme aponta Guerra (2011):

Portanto os super-heróis são sobre-humanos e a melhor encarnação destes seres extraordinários é o Super-Homem (*Superman*). (...) Sempre defendendo a verdade e a justiça do *American Way of Life*, tal figura também atuava como um grande veículo de propaganda ideológica. (GUERRA, 2011, p. 23)

Sendo assim, a opção pela representação do herói nos moldes escolhidos tinha o objetivo de representar os ideais americanos da época. Dessa forma, o surgimento dos heróis como conhecemos hoje, se faz intrínseco à replicação de discursos e a passagem de mensagem para a grande massa por meio do entretenimento.

Décadas depois, em 1963, surgem os X-Men. Criados por Stan Lee, e desenhados por Jack Kirby, o grupo de jovens mutantes era composto por Ciclope, Fera, Homem de Gelo, Anjo e Garota-Marvel, a última a se juntar ao grupo. Na história, os heróis são adolescentes com mutações genéticas que se juntam a um colégio interno dirigido pelo Professor Xavier. Com o intuito de refinar o uso de seus poderes, a escola também atua como proteção para eles do mundo externo, e os ensina a proteger aqueles de quem os protege.

Stan Lee, criador da série, aponta que os heróis foram criados num período de ebulição social, nos Estados Unidos, e representavam todos os asseios dessas minorias que buscavam sua voz nessa época.⁶ E o tema é frequentemente abordado por todos os anos do impresso, seja retratando campos de concentração, como os que tomaram o país fictício Genosha, como também debatendo a crueldade dos humanos sem poderes em relação àqueles que apresentam habilidades especiais motivados pelo seu preconceito e ódio às diferenças.

Sendo assim, o surgimento da revista se faz ligado a características de militância. Também é interessante citar a própria diversidade dos personagens que compunham a equipe, como a primeira super-heroína negra da história, Tempestade. Criada em 1970, ascendeu para o papel de líder da super-equipe na década de 1980, tipo de representatividade buscada até hoje pelas mulheres negras, em que uma mulher negra exerce papel de poder e relevância. A revista também é responsável pela super-heroína mulçumana, Pó, criada depois dos atentados de 11 de setembro de 2003 às torres gêmeas, Colossus, super-herói extremamente bondoso e russo, em plena época de Guerra Fria, Estrela Polar, surgido em 1979, assumindo-se homossexual na década de 1980 dentro da equipe. Sendo assim, além da própria existência dos X-Men servir como uma metáfora para as minorias sociais, os próprios personagens são retratados de forma a representar a diversidade da sociedade e questionar o leitor, por meio desta representação, sobre a forma como ele enxerga determinados grupos sociais na sociedade.

Isso não é feito, entretanto, por bondade ou caridade dos roteiristas ou editores de quadrinhos. Como dito anteriormente, os anos 60 foram tempos de ebulição de movimentos sociais, que resultaram na necessidade de representação destas minorias que se faziam notadas cada vez mais. Segundo Cunha (2015):

⁶ https://www.huffpostbrasil.com/2016/06/07/9-personagens-que-mostram-como-x-men-e-uma-metafora-sobre-prec_a_21684784/

Observe-se, que não são apenas os grupos e indivíduos que transformam as cognições coletivas analisadas nas representações sociais. A relação é mutualística e as ideias e conceitos também são suscetíveis a constantes transformações (CUNHA, 2015, p. 3).

Logo, a mudança da dinâmica de poder na sociedade acaba gerando essa necessidade de representatividade que é muito benéfica para os grupos retratados. Trazer a representatividade de minorias para a mídia é criar esta aproximação entre população e novas representações de indivíduos pertencentes a estes grupos frequentemente distanciados do todo social.

A profundidade das representações vai até o ponto que “intervêm em processos tão variados quanto à difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais” (JODELET, 1989, p. 5 apud CUNHA 2015, p. 3).

Sendo assim, os quadrinhos fazem o papel de mediador entre minorias e sociedade, e esta aproximação possibilita a mudança dos discursos hegemônicos de segregação e permite a resignificação do imaginário. Dessa forma, criando a possibilidade de combate a preconceitos fossilizados dentro da sociedade por meio de representações midiáticas.

A sexualidade do Homem de Gelo

O Homem de Gelo, nome de super-herói de Bobby Drake, é um dos membros originais dos X-Men, introduzido na história em 1963. Desde então, ele se tornou conhecido pelo seu bom-humor e pelo número de relacionamentos com mulheres que já teve em todos os anos de quadrinhos. Recentemente, entretanto, na HQ All New X-Men, nº 40, em que os heróis originais (que viviam em 1963) são enviados numa viagem no tempo para a atualidade, sua sexualidade é questionada por sua colega de equipe e telepata, Jean Grey. Com sua capacidade de ler mentes, ela invade os pensamentos do colega e percebe que ele é homossexual, o forçando, assim, a assumir sua sexualidade.



Figura 1 - Fonte: BENDIS, Bryan Michael. All New X-Men #40, 2015, Marvel.

Tradução livre: Quadrinho 1: Mas...
Quadrinho 2: Você sabe...
Quadrinho 3: O quê?
Quadrinho 4: Qual é...
Quadrinho 7: O que está acontecendo?
Quadrinho 8: Bobby... você é gay.

O fato de um dos heróis originais dos X-Men ter assumido sua homossexualidade gerou grande repercussão, incitando revolta em alguns fãs e alegria pela representatividade em outros. Tal fato é uma representação clara da fragmentação da sociedade proposta por Hall (2004), e citada anteriormente onde grupos podem se identificar ou se opor a representações na sociedade.

Muitos destes não eram fãs da obra, tendo contato com o acontecido nos quadrinhos por meio do jornalismo. Este contato, porém, pode ser feito de forma parcial, induzindo os receptores a determinadas concepções. Como exemplifica Cunha (2015):

Para ilustrar, podemos dizer que uma mesma notícia divulgada de duas maneiras diferentes (no caso dois jornais, cada um com posicionamentos políticos díspares, digamos) é capaz gerar de duas percepções diferentes no mesmo receptor ou mais e, logo em seguida, respostas e posicionamentos também diversos. (CUNHA, 2015, pag. 4)

Dessa forma, tem grande valia o estudo de algumas das matérias que abordaram o tema, como feitas a seguir.

Repercussão jornalística da representação gay na cultura pop

Para fazer essa análise foram escolhidas duas matérias dos dois jornais de maior circulação do Brasil, segundo dados de 2015 da Associação Nacional de Jornais (ANJ), O Globo e Folha de São Paulo. Além destas, duas matérias de dois dos maiores portais de cultura pop da internet brasileira: Judão.com.br e Omelete.uol.com.br.

1- O Globo⁷

A notícia veiculada no jornal O Globo no dia 21 de abril de 2015, e atualizada em 22 de abril de 2015, traz a manchete “Novo quadrinho de ‘X-Men’ revela personagem gay”. Sem excessos, reflexões ou apontamentos mais profundos, a matéria foca em elucidar o contexto do caso e da história narrada pela HQ, trabalhando com uma estrutura clássica noticiosa.

Ao contrário das outras notícias analisadas neste artigo, inclusive, ela nem explora a questão de ser um dos personagens originais da série. No último parágrafo, a notícia aponta o fato do personagem que assumiu sua sexualidade não fazer parte de um universo

⁷ <https://oglobo.globo.com/cultura/novo-quadrinho-de-men-revela-personagem-gay-15939477>

paralelo, chamando atenção para um ponto intrigante na história, já que seu “eu do futuro”, ou o Homem de Gelo mais velho, se identifica heterossexual.

2- Folha de São Paulo⁸

Já a Folha de São Paulo se aprofunda um pouco mais na questão, em matéria veiculada no dia 22 de abril de 2015. Com a manchete “Personagem Homem de Gelo, da série ‘X-Men’, assume ser gay em nova HQ”, ela contextualiza em duas frases o acontecimento, inclusive tratando a história de forma confusa e errada. “Na verdade a revelação vem do personagem na adolescência, em uma conversa com sua colega, Jean Grey. Ambos tinham viajado no tempo e voltado a adolescência” (Folha de São Paulo, 2015). Na verdade Jean Grey descobriu ao ler a mente do jovem. Além disso, houve, sim, uma viagem no tempo. No entanto, essa ocorreu com o envio dos jovens, que antes viviam nos anos 60, para a realidade contemporânea.

Apesar disso, o foco da reportagem é refletir sobre a representação da homossexualidade na sociedade, trazendo à tona a resposta do personagem adolescente, presente no quadrinho, sobre a questão intrigante apontada pelo jornal O Globo:

Na idade adulta pela qual é conhecido do público, no entanto, o Homem de Gelo é heterossexual. O personagem não dispensa a explicação por jamais ter assumido sua sexualidade: “Porque talvez ele não conseguisse lidar com o fato de ser mutante e gay em uma sociedade que tem problemas com os dois” (Folha de São Paulo, 2015).

Dessa forma, levantando o debate sobre a homofobia e o medo das pessoas que se identificam homossexuais de assumirem sua sexualidade, e por isso serem odiados. Cabe notar que a metáfora proposta por Stan Lee para o grupo de super-heróis se faz tão pontual que ambas têm consonância ao pensar as decisões dos personagens dele, mesmo que nas mãos de outro roteirista.

Em seguida, a matéria aponta outros personagens assumidamente LGBTQI+ dos quadrinhos, como o Estrela Polar além de alguns outros, e fala do aumento da representatividade LGBTQI+ na cultura pop, ao trazer para a questão a personagem Delian Mors, lésbica, apresentada no livro Star Wars – Lords of the Sith de Paul S. Kemp.

⁸ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1619534-personagem-homem-de-gelo-da-serie-x-men-assume-ser-gay-em-nova-hq.shtml>

3- Omelete⁹

O site de cultura popular, Omelete, já apresenta uma linguagem diferente dos anteriores. Com a manchete “Marvel revela que membro original dos X-Men é gay”, ela explora o fato de ser um membro original, mas logo no primeiro parágrafo faz anúncio da matéria conter *spoiler* (contar acontecimentos antes que as pessoas tenham lido, assistido ou escutado). Por ser um site voltado para um público que se importa com o conteúdo do material que consome, e o dilema de saber o final antes ou não, é parte característica da linguagem do site fazer uso deste recurso.

O primeiro parágrafo, seguindo essa lógica, não apresenta nenhuma informação definitiva, apenas apontando que algum personagem na HQ em questão se assumiu homossexual.

Em seguida a matéria tenta contextualizar o caso, falando da qualidade do trabalho do autor, que deixou a revista após esse número, e apresentando a mesma dúvida sobre universos paralelos proposta pelo jornal O Globo. Ela não cita a homofobia ou reflete sobre uma outra alternativa para o Homem de Gelo mais velho se declarar heterossexual, mesmo que tal conteúdo esteja proposto na própria revista em quadrinhos, conforme visto na matéria da Folha de São Paulo.

O roteirista Brian Michael Bendis se despede da série - que ele escreve desde 2012 - com a notícia de que o jovem Bobby Drake, o Homem de Gelo, é homossexual. Mas a revelação tem uma reviravolta: a versão adulta das histórias atuais dos X-Men é hétero.

Na HQ, acompanhamos a equipe original dos mutantes transportada para os dias de hoje - é por isso que o jovem Bobby, por exemplo, tem a chance de conhecer sua contraparte adulta. A mudança de orientação sexual pode sugerir que esses dois Homens de Gelo (e talvez o restante dos X-Men viajantes do tempo) vêm de realidades paralelas. (Omelete, 2015)

Por fim, no último parágrafo, ele aponta a metáfora de minorias proposta pelo título da Marvel, e fala de outros super-heróis homossexuais do mesmo universo. Cita, ainda, os rumores sobre a sexualidade do personagem e conclui com uma esquete do desenho animado Family Guy, do canal Fox, que mostra o personagem chegando em casa e sendo confrontado por sua esposa, que revela que ele saía de casa para ir a um bar gay.

É importante atentar, no entanto, que o tratamento humorístico dado à notícia, com sua conclusão pode apresentar caráter preconceituoso, conforme aponto Travaglia:

⁹ <https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/marvel-revela-que-membro-original-dos-x-men-e-gay/>

(...) os estereótipos são valorados socialmente de forma negativa (para a sociedade como um todo quando não são do grupo dominante) ou positiva (como elemento de identidade do grupo respaldada por sentimentos de solidariedade). O estereótipo no humor é sempre usado como uma dimensão social negativa, pois o riso advém da desvalorização social, do estigma que faz do estereótipo algo ridículo. Aqui entra em questão a superioridade do conhecedor e da superioridade coletiva. (TRAVAGLIA *apud* ANDRADE, 2013, p. 61)

O esquete apresentado trabalha com o estereótipo do homossexual que vive sob a aparência de heterossexual e engana sua família. Do ponto de vista da coletividade, cômico. Do ponto de vista dos indivíduos, triste.

4- Judão¹⁰

A última matéria analisada, publicada pelo Judão no dia 22 de abril de 2015, traz o título “Sim, um dos X-Men original saiu do armário :)”. Fazendo uso da expressão chula “saiu do armário”, usada para alguém que tenha assumido sua sexualidade não heteronormativa. O título usa ainda a símbolo usado na internet de dois pontos e fecha parênteses, que simboliza um sorriso. Tal uso cria um título que chama atenção pelo uso do registro linguístico diferente, mas deixa claro qual o enfoque tomado na publicação, ao alinhar a aceitação da sexualidade de um super-herói com um sorriso.

O subtítulo também é bastante claro ao declarar qual ângulo será tomado pelo jornalista, visto que além de informar o autor e a que publicação se refere, traz ainda a frase “faz todo o sentido para a história (...) – e claro, para o mundo em que vivemos” (Judão, 2015). Nesse ponto já fica claro que a matéria, além de falar sobre a revelação da sexualidade do herói, vai refletir também sobre a sociedade da qual essa publicação faz parte.

A matéria abre com o anúncio de *spoiler* característico do nicho do veículo, mas não fala do quadrinho em si. Ela evidencia, em vez do contexto do herói, a recepção do público à tal fato, falando dos que se opuseram e apoiaram a revista.

Nos parágrafos seguintes, se começa a narrar a própria história do quadrinho de forma bastante leve e coloquial, revelando que o Homem de Gelo é o personagem em questão e apresentando os dilemas debatidos entre ele e Jean Grey, que o forçou a assumir sua sexualidade. No fim dos parágrafos de contextualização, a matéria faz referência a uma das falas da super-heroína, que aponta que eles não vivem mais nos anos 60 e que agora é bem mais fácil de discutir e aceitar.

¹⁰ <http://judao.com.br/x-men-original-saiu-do-armario/>

A revelação rola depois que este Bobby, ainda um adolescente, faz mais um de seus comentários sobre como uma de suas colegas de equipe/professoras é gostosona — neste caso em particular, Magia, a irmã de Colossus. Jean Grey, incomodada, chama o colega num canto e dá uma prensa nele. Afinal, não é a primeira vez. Bobby vive fazendo piadinhas exageradas sobre os atributos físicos das meninas, querendo chama (...) Jean, bastante coerente, explica que eles não estão mais nos anos 60 (lembre-se, os X-Men surgiram em 1963) e que é algo muito mais fácil de se aceitar e discutir nos dias de hoje. r atenção, dando em cima de toda mulher que vê pela frente. (Judão, 2015)

Falando ligeiramente do autor, a matéria aponta a coerência desta conclusão com a história que foi escrita e contada até esse ponto. Com um pequeno resumo ele aponta as questões que tais jovens são expostos na sociedade atual, justificando todas as mudanças em cada um dos personagens da revista com o contato e a exposição a novas formas de experimentar o mundo que existem hoje.

A matéria se desenrola com entrevistas dos responsáveis por tal mudança, Bendis, o roteirista e Axel Alonso, editor chefe da Marvel, até então. Alonso inclusive chama atenção, para que, ao contrário de outras representações midiáticas que definem personagens de minorias por ser parte da minoria apenas, o Homem de Gelo terá sua homossexualidade tratada apenas como parte de sua identidade, plural e humana. Sem tentar limitá-lo a estereótipos recorrentes na indústria.

A matéria ainda rebate críticas à Marvel, sobre as alegações de que a companhia usa tal ferramenta narrativa para se promover e causar furor em outros veículos de mídia. E a matéria corrobora esse argumento. No entanto, em vez de criticar de forma negativa a jogada publicitária, ela aponta para o valor de alcance dessa matéria, pensando no aumento da diversidade dos leitores e o maior engajamento de outros públicos, antes subrepresentados.

É uma forma de fazer os quadrinhos se tornarem notícia em outras mídias que não aquelas de sempre, que atingem apenas o nicho cada vez mais restrito dos velhos fãs de quadrinhos caucasianos e classe média, por volta dos 30/40 anos de idade. Como mídia, as HQs precisam se rejuvenescer, precisam atrair novos públicos, novos fãs, falar com pessoas diferentes. (JUDÃO, 2015)

A matéria continua fazendo referência a diversos outros casos polêmicos nos quais a Marvel se envolveu ao tentar aumentar a diversidade em seus quadrinhos, e chama atenção para o fato de que antes de personagens homens, brancos, heterossexuais, cis, o mais importante é ter uma boa história para se contar.

Ela levanta ainda a bandeira da inclusão, apontando a própria raiz militante da revista dos X-Men, lembrando a questão da militância contra a segregação e mostrando que a revista

sempre defendeu esta ideia. Ela ainda fala da luta contra a homofobia, citando o casamento do Estrela Polar, e até a possibilidade de Mística ter sido pai de Noturno, com Sina, o que a retrataria como uma transexual. “Percebe que este título, que esta franquia de personagens, em particular, tem potencial ilimitado para discutir este tipo de situação?” (Judão, 2015)

A reportagem, então, discorre sobre a falta de representatividade da sociedade real na mídia, apresentando número do IBGE e estimativas para respaldar o seu argumento do quanto subrepresentados estão as minorias nos quadrinhos.

Só como exemplo: hoje, somos no Brasil 204 milhões de pessoas, de acordo com a estimativa mais recente do IBGE. Uma pesquisa estima que a população gay do nosso país é de 18 milhões de pessoas — levando em consideração apenas aqueles que se declaram abertamente gays, claro. Fazendo aí um cálculo de padaria, estamos falando de quase 9% da população. Usando esse critério, teríamos cerca de 400 personagens gays no mundinho Marvel. Mas se a gente consegue chegar em 20, incluindo aí os coadjuvantes sem poderes, parentes e chefes dos alter-egos, talvez alguns poucos vilões, rapaz, já tá no lucro. (Judão, 2015)

Por fim, a publicação, antes de sua conclusão, supõe o motivo da homossexualidade do Homem de Gelo ter chocado tanto, e apontando a gritante homofobia que tenta ser escondida na sociedade.

No fundo, acho que sei porque esta situação do Homem de Gelo parece ter incomodado tanta gente. Pode até ser pelo fato de que eles acham que o Bobby vai passar a andar por aí de peruca verde, plumas e paetês, fazendo a diva invernal, transformando gelo em purpurina, no estereótipo babaca que se tem do gay (eu ia achar o máximo). Mas não é só isso.

O que incomoda é que Bobby é um personagem principal. É um dos fundadores dos X-Men. Deixar o Estrela Polar ser gay, legal, ele é um personagem coadjuvante, lá da Tropa Alfa, ninguém dá muita bola, né? Tá escondidinho, não chama atenção. Mas o Homem de Gelo? Ele é da elite dos X-Men, linha de frente, virou até personagem dos filmes e tudo mais. Não pode... (Judão, 2015)

Por fim, ela aponta a mudança dos tempos, e que a representatividade vai continuar acontecendo em todas as mídias.

Considerações finais

De acordo com tudo o que foi apresentado, observa-se que a mídia tem um papel importantíssimo na representação dos grupos ignorados da sociedade. Não só isso, mas também o poder de promover debates nas mais variadas esferas sociais, que podem ter como consequências, mudanças nos discursos vigentes e no imaginário que permeia a sociedade.

Percebe-se, também, pelos exemplos escolhidos, que o jornalismo tem um grande poder de incitar debates e modificar a realidade de muitos grupos oprimidos, ou ainda, ignorá-los e deixá-los invisíveis. O jornalismo pode tratar assuntos de forma polêmica, ignorar a importância do acontecimento, ou, ainda, desafiar os leitores a uma reflexão mais aprofundada. Sendo assim, a pesquisa apresentada aponta para a capacidade do jornalismo de fazer a manutenção dos discursos da sociedade, perpetuando-os ou questionando-os de acordo com o tratamento dado aos fatos noticiados.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Débora Cristina Longo. A Linguagem Popular e sua Relação com o Humor. **Verbum** – Cadernos de Pós-Graduação, São Paulo, n. 4, pag. 25 a 37. 2013.
- CUNHA, Gabriel Figueiredo De Oliveira Fontenele Sampaio, 2015, Manaus. **A Representação Social e a Sexualização Nos Quadrinhos**. Manaus: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2015. 14p.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GUERRA, Fábio Vieira. **Super-Heróis Marvel e os Conflitos Sociais e Políticos (1961-1981)**. 243 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Estudos Gerais – CEG. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – ICHF. Niterói, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SANTOS, Izaac. **Narrativas de um adolescente homoerótico** – conflitos do ‘eu’ na rede de relações sociais da infância à adolescência. 145 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.